

## **Um olhar multidisciplinar sobre a realidade dos imigrantes haitianos em Santa Catarina**

**ROBERTA RIBEIRO GARCIA**

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ (UNIVALI)

**FLÁVIO RAMOS**

Agradecimento à orgão de fomento:

Agradecimentos a CAPES e ao Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) - Campus Biguaçu.

# UM OLHAR MULTIDISCIPLINAR SOBRE A REALIDADE DOS IMIGRANTES HAITIANOS EM SANTA CATARINA

## 1 INTRODUÇÃO

Os fluxos migratórios entre regiões, países ou dentro de uma dada nação têm se intensificado, seja na busca por território ou por novas oportunidades. As guerras, conflitos religiosos e desastres ambientais têm se apresentado como uma das maiores causas destas emigrações, que são cada vez mais frequentes. No Brasil, os processos migratórios fizeram parte da sua “construção” e a presença do imigrante tem representado essencialmente um desafio para o país que o recebe, visto que, o processo de integração, concessão dos direitos e acessibilidade aos serviços locais se tornam complexos em países que não possuem uma legislação adequada a esse movimento social (CASTLES; 2002; OLIVEIRA, 2015; MAGALHÃES, 2017). Como exemplo de emigração por desastres ambientais, temos o caso dos imigrantes haitianos que deixaram o Haiti em 2010 em decorrência do terremoto que devastou o país. Por esse motivo, houve a emigração desses sujeitos em grande massa para diversos países da América Latina, dentre eles, o Brasil. Consideramos que o Brasil foi um dos países escolhidos como destino em virtude das facilidades de acesso, visto que a nação brasileira não possui políticas de “controle” em relação à entrada de imigrantes.

Desde 2010, segundo informações da Secretaria da Justiça, passaram pelo Acre mais de 38 mil haitianos, que acabaram seguindo para os estados de Santa Catarina e São Paulo – nestes estados, o número de haitianos foi maior. A busca dos haitianos por vínculo empregatício fez com que muitos deles procurassem oportunidade no Sul do país – principalmente em Santa Catarina, tendo em vista as indústrias e promessas de trabalho na região. Entretanto, o que inicialmente parecia ser “O Eldorado Brasileiro”, os levou “Do céu ao Inferno”, pois, as dificuldades começaram a ser recorrentes, dentre elas, podemos destacar: adaptação cultural, domínio do idioma (português) e carência de apoio a imigrantes pelo poder público. Além dessas problemáticas de ordem social, a vulnerabilidade desses imigrantes os levou a “aceitar” funções e situações laborais distintas dos seus contextos originais (THOMÉ, 2015).

É importante ressaltar que a inserção dos imigrantes é percebida pelos governantes como um problema que deve ser resolvido rapidamente (aumento do trabalho informal, superlotação das creches, desemprego, entre outras questões de relevância pública). No entanto, existe uma falta de compreensão com relação à imigração, dado que não a veem como uma parte inerente à complexidade do mundo contemporâneo, “mediante a qual as pessoas respondem às oportunidades procedentes de fatores ambientais, econômicos e políticos nas possíveis áreas de chegada” (CASTLES, 2010, p. 14). O processo emigratório influencia nitidamente as relações de trabalho e o contexto socioeconômico internacional (YAMAMOTO, 2017). Os estudos referentes à imigração haitiana no Brasil vêm sendo desenvolvidos em diversas áreas do conhecimento, como por exemplo, Antropologia, Sociologia, Psicologia Social, Direito Internacional (BLAY, 2000; GODOY, 2011; MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013; COGO; 2014; OLIVEIRA; 2015, MAGALHÃES, 2017) entre outras. Todavia, ao realizar uma busca nas plataformas mais utilizadas no país, como: SPELL, Banco de dados da CAPES, Scielo e Google acadêmico percebemos pouca incidência de estudos na área da Administração que abordassem como tema de pesquisa a imigração no contexto brasileiro, em especial no que diz respeito à especificidade do tema do presente trabalho (a imigração haitiana), os imigrantes haitianos na visão dos pesquisadores acadêmicos.

Há trabalhos sobre os imigrantes haitianos, porém, em sua maioria não abordam temas da área da administração. Os estudos de Oliveira (2007), Mariz e Bógus (2013) e Silva e Tsang (2015) têm como temática a imigração, de forma geral, e o empreendedorismo no Brasil. Na área da Administração, Yamamoto (2017) que tinha como objetivo compreender as práticas de

organização desses sujeitos na região metropolitana de Goiânia. Embora esses trabalhos apresentem alguma semelhança com a temática estudada, esses autores não contemplam a visão acadêmica dos pesquisadores, bem como, a contribuição dos seus estudos na prática.

Nesse contexto, o presente estudo tem como foco investigar essa realidade cotidiana vivenciada pelos imigrantes haitianos, especificamente na região da Foz do Rio Itajaí, em Santa Catarina, a partir do ponto de vista dos pesquisadores nessa temática. Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos por serem pesquisadores que trabalham e/ou trabalharam no campo com temas relacionados à imigração haitiana e inseridos em uma Universidade Comunitária que vem realizando, desde 2015, investigações voltadas a esse grupo social. Para isso, o percurso metodológico foi pautado em uma abordagem qualitativa, o método utilizado é definido como indução analítica, a prática de coleta se caracteriza como entrevista não-dirigida e a prática de análise como codificação temática. Compreender a realidade cotidiana vivenciada por esses imigrantes sob a ótica de uma pesquisa empírica pretende apresentar resultados que contribuam para a administração, seja por serem abordadas questões como: mercado de trabalho, relações entre empregado e empregador, gestão de questões culturais e governamentais, uma possível invisibilidade social ou outras categorias que possam emergir. O fato é que a presença dos imigrantes gera impacto social, concebendo pontos favoráveis e desfavoráveis que necessitam ser discutidos no contexto acadêmico, empresarial e social.

A partir desse pressuposto, tem-se a seguinte pergunta norteadora de pesquisa: *Como os pesquisadores de uma Universidade Comunitária percebem a realidade cotidiana vivenciada pelos imigrantes haitianos em Santa Catarina?* Para responder a essa pergunta de pesquisa, o objetivo geral está pautado em: *Compreender a percepção dos pesquisadores de uma Universidade Comunitária sobre a realidade cotidiana vivenciada pelos imigrantes haitianos em Santa Catarina.* Para isso, a pesquisa está estruturada nas seguintes etapas: a) Descrever as características do processo migratório dos haitianos para a região da Foz do Rio Itajaí, em Santa Catarina; b) Identificar no discurso dos pesquisadores como as pesquisas realizadas com os migrantes contribuíram para a visibilidade do grupo social objeto da investigação; e c) Analisar na fala dos pesquisadores conexões inerentes as questões sociais envolvendo os emigrantes haitianos.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Evolução dos estudos sobre as migrações

Os estudos acerca das migrações tornaram-se relevantes na literatura a partir de Ernst George Ravenstein (1885, 1889) – geógrafo – autor considerado clássico nos anos 1980 por ter publicado dois textos sobre os movimentos migratórios. Os textos apresentam “leis das migrações”, de caráter empírico, – não são fundamentadas – com características puramente positivistas, visto que analisou atividades econômicas, deslocamentos espaciais de determinados grupos sociais por meio de estatísticas. Além disso, seu estudo tornou-se base primordial para pesquisadores que escrevem sobre atração-repulsão – *push-pull factors* – (LEE, 1969). Com base nas leis de Ravenstein (1885) e os comentários que fez em seu segundo texto em 1889, Lee (1969) atualizou o modelo de atração-repulsão buscando a construção de uma teoria geral das migrações. Seu estudo procurou formular hipóteses sobre o volume de migrações em diversas condições: o movimento de correntes migratórias e contracorrentes e as características dos migrantes. Lee (1969, p. 48, tradução nossa) enfatizou que embora Ravenstein tenha sido muito citado, desafiado e tenha havido muitos estudos sobre migrações “poucas generalizações adicionais avançaram”. No que diz respeito as teorias migratórias Massey *et al.* (1993) afirmam existir diversos modelos teóricos que buscam explicar a migração internacional, porém de certa forma “todos” procuram explicar o mesmo – Como começa? –, o que se difere basicamente são os conceitos, suposições e quadros de referência, que são

radicalmente distintos. Os autores abordam os diferenciais entre a economia neoclássica – divide-se entre a *Macro Theory* e *Micro Theory* – a nova economia, além de enfatizar que teorias como a do mercado de trabalho e a teoria dos sistemas mundiais ignoram esses processos de decisão de nível micro.

Essas perspectivas anteriores refletem os estudos teóricos baseados na economia neoclássica (MASSEY, 1993), que aos poucos passaram por uma ruptura epistemológica dando espaço aos estudos sociológicos. Entretanto, até a virada do século XIX para os XX autores clássicos da Sociologia como Malthus, Marx, Durkheim e Weber não consideravam o tema migração relevante para os estudos sociológicos, visto que essa questão era percebida como consequência do capitalismo, reflexo da industrialização, urbanização e mobilidade populacional (SASAKI; ASSIS, 2000). Corroborando com essa afirmação, Becker (1996, p. 178) ressalta que os estudos sobre as migrações não haviam se desenvolvido até serem iniciados na Escola de Chicago nos Estados Unidos, local o qual o fenômeno passou a ser tratado mediante uma visão compreensiva e sob uma perspectiva reformista e/ou controle social.

Nessa linha, encontram-se Bourdieu e Sayad. Sayad (1998, p. 15) – sociólogo argentino – que define o processo imigratório como um “fato social completo”, que deve ser tratado tanto sobre o ponto de vista das condições que levam a emigração quanto a inserção no país de destino. O autor traz uma inquietação em definir: O que é um imigrante? Sayad (1998) considera que o trabalho é o principal fator da permanência do imigrante no país, isso porque, o trabalho dá subsistência ao sujeito, ele tanto pode tornar esse processo permanente como algo provisório. Partindo desse pressuposto, Sassen (2000, p. 66) traz uma análise referente às políticas de imigração nos países desenvolvidos, considerando as “transformações no Estado e no sistema interestadual, particularmente aquelas provocadas pela globalização.” São apresentadas pela autora três características de como a migração é percebida, sendo elas: 1. A migração é tratada como um processo autônomo de outros processos e domínios políticos; 2. A migração tratada como uma questão soberana unilateral; e 3. Tomam o Estado como ator principal, porém, sem desenvolver políticas públicas voltadas às especificidades do processo.

Essas questões que envolvem as transformações no âmbito global, já vinham sendo discutidas por Bauman (1998) utilizando metaforicamente a expressão “O mal-estar da Pós-modernidade”, que reflete de certa forma a presença dos imigrantes em outros países, que muitas vezes passam a ser percebidos como “estranhos”. Os estranhos, na modernidade, seriam aqueles que “[...] não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo” (BAUMAN, 1998, p.27). Adaptá-los, integrá-los, ou até mesmo eliminá-los, como ocorreu nas experiências totalitárias, sempre foi característica da modernidade, na busca de uma sociedade sem ambivalências ou algo que destoasse do conjunto. Levando em consideração esse contexto, as teorias migratórias têm incorporado em seus estudos a análise de gênero. Dessa forma, a evolução da teoria feminista tem ampliado as críticas em relação ao olhar masculino sob a realidade, que além de estar presente numa visão economicista também está presente nas ciências sociais.

Dentro desse pressuposto, o qual os estudos de gênero estão inseridos – globalização, mudança, inserção em uma nova cultura – Gutmann (2004) ressalta que teorias “não sofisticadas” que abordam a mudança de cultura, - como a maior parte – estão agrupadas sob o respaldo da aculturação, demonstrando ser ineficientes para “contabilizar” a interface de histórias globais e locais, visto que os estudos de gênero e migrações não são suficientes para explicar as ideias e práticas de homens e mulheres cujos comportamentos são a base para estudos de casos reais. Além da questão dos estudos de gênero aliados as migrações, estão presentes – globalização – expressões como “rede”, “informação”, “sociedade” e cultura, que nos estudos de Castells (1999) estão agrupados e são considerados a base para a revolução da informação, bem como sua interação permitiu surgir uma “nova estrutura social”, que tornou-

se interdependente e mais comunicativo dando a possibilidade das pessoas se movimentarem - não necessariamente de forma física - posteriormente as descobertas dessa mundo virtual. Essa “nova estrutura social” faz com que as migrações passem a serem referidas como migrações transnacionais, que é quando os imigrantes construíram “elementos de ligação tanto com o seu país de origem quanto com seu país de destino”, em suma, participam de diásporas distintas (SOBRINHO; SIRIANNI; PIFFER, 2014, p. 1164). Na visão dos autores, no passado, os imigrantes rompiam quase que por completo as relações tanto sociais como culturais com o país originário, em virtude das dificuldades de se comunicar e se locomover.

Castles (2002) enfatiza que as transformações globais requerem novas abordagens das ciências sociais, sendo que não decorram dos paradigmas existentes, “visto que esses assentam frequentemente em enquadramentos institucionais e conceptuais que podem revelar-se resistentes às mudanças, e cujos protagonistas podem ter fortes interesses na preservação do *status quo* intelectual”. Dessa forma, o autor revela que o estudo das transformações sociais está pautado na análise das combinações transnacionais e de como isso afeta a “sociedade nacional, comunidades locais e os indivíduos.” (CASTLES, 2002, p. 124). Embora os estudos sobre as migrações, tenha passado por algumas décadas Castles (2010) traz ainda uma inquietação quanto a evolução dos estudos sobre migrações. O autor enfatiza algumas dificuldades da elaboração de uma teoria das migrações conforme exaltam Lee (1969), Sayad (1998) e Castles (2002) e reflete acerca da migração ser tratada como um problema corroborando com Sayad (1998).

Nesta perspectiva Castles, Hass e Miller (2013, p. 34, tradução nossa) afirmam que embora haja uma persistência em “padrões de migração de longas datas” assumir novas formas, os novos fluxos migratórios vêm se desenvolvendo em virtude de aspectos econômicos, transformações políticas, culturais e conflitos violentos. Na concepção dos autores é possível identificar nesses processos seis tendências gerais dos fluxos migratórios. As seis tendências estão divididas em: Globalização da migração; Mudança de direção da migração dominante; Diferenciação da migração; Proliferação da transição migratória; Feminização da migração laboral; e Crescente politização da migração.

## 2.2 O eldorado brasileiro: do “céu” ao “inferno”

A ocorrência do terremoto no Haiti em 12 de janeiro de 2010, causou uma devastação em todo o país. A repercussão na mídia foi imediata, principalmente noticiando o fluxo de haitianos para outros países. O terremoto matou centenas de milhares de pessoas e deixou mais de três milhões de desabrigados, que já viviam anteriormente uma economia devastada pela instabilidade política, o que motivou a interferência da ONU (SENADO, 2012). A emigração dos haitianos para o Brasil ganhou logo repercussão no país, considerando que o número de ocorrências foi aumentando progressivamente, juntamente com as solicitações de refúgio que chegaram a mais de 2.868% entre 2010 e 2015 – de 966 solicitações em 2010 para 28.670 em 2015 (ACNUR, 2016). Em um primeiro momento, os haitianos começaram a entrar pelo Acre/Amazonas por meio de “coiotes” (O GLOBO, 2012), o que implicou das autoridades brasileiras uma resolução imediata. Para regularizar a situação dos haitianos no país, as solicitações de refúgio foram levadas ao CONARE que resolveu não incluir no conceito de refugiado os desastres naturais, visto que o refúgio é fundado no temor de perseguição. Todavia, o CONARE enviou o caso ao CNÍg, que buscando resolver a lacuna legislativa para a situação dos haitianos, concede em janeiro de 2012 o visto humanitário, estabelecido na Resolução Normativa 97/12 em função dos problemas econômicos e humanitários (PORTAL BRASIL, 2013). Porém, o visto é limitado para a entrada de 1.200 haitianos por ano, tendo validade de cinco anos, devendo ser apresentado apenas passaporte e negativa de antecedentes criminais (SENADO, 2012).

Logo após as solicitações de refúgio realizadas pelos haitianos – 2010 –, foi publicado um livro pela ACNUR para comemorar os 60 anos do Estatuto dos refugiados, e discutir acerca dos temas contemporâneos do refúgio, trazendo a percepção do Brasil em relação as demandas recebidas dentro do cenário nacional, regional e global. Essa coletânea traz três principais cenários que foram considerados até chegar a solução humanitária para os haitianos (GODOY, 2011, p. 56). Dessa forma, o CONARE conclui que os haitianos não se encaixavam na Lei de Refúgio estabelecida na Convenção de 1951 – associada ao temor de perseguição – visto que os haitianos emigraram devido a catástrofes naturais. Em virtude da concessão do visto humanitário, Cogo (2013) enfatiza que estimativas realizadas entre 2010-2013, apresentaram que aproximadamente nove mil haitianos conseguiram entrar no Brasil de maneira regular. O autor exalta que as escolhas das rotas pelos haitianos são condicionadas por facilidades, como por exemplo, transporte, as possibilidades de entrada no país, além de estratégias traçadas pelos chamados “coiotes”, que acabam interpondo as políticas migratórias brasileiras.

Nessa perspectiva, Silva (2015) - concessão do visto humanitário - acredita que o posicionamento do governo provocou distinção entre o ponto de vista jurídico e dos direitos humanos, uma vez que o ponto de vista jurídico acreditava que o reconhecimento dos haitianos como refugiados acrescentaria responsabilidades a eles, já o ponto de vista dos direitos humanos entendia que o Brasil estaria negando as solicitações de refúgio, pois estas não estavam sendo enviadas ao CONARE, mas sim, ao CNIg, tendo como justificativa o encurtamento do tempo do processo de concessão dos vistos. A emigração dos haitianos vem sendo constantemente associada (CASIMIR, 2012; ALCANTARA, 2014; MAGALHÃES; BAENINGER, 2014, SILVA, 2015) a questões de pobreza e/ou desemprego. No entanto, Sassen (2006, p. 19, tradução nossa) diz que embora os fluxos migratórios compartilhem características comuns, como: “os imigrantes são principalmente pessoas de baixa renda, provenientes dos países menos desenvolvidos, com baixos níveis de educação ou meios, e disposição para aceitar empregos que ninguém quer”, muitos países pobres com taxa de desemprego elevada não tem histórico significativo de emigração. Na visão da autora, é uma minoria de pessoas de países pobres e de classe média que tentam emigrar, por isso, afirma que a “emigração não é simplesmente uma fuga geral de pobreza e desemprego para a prosperidade”.

A emigração dos haitianos para o Brasil vem sendo associada a aspectos como a atuação do exército brasileiro no Haiti (MAGALHÃES; BAENINGER, 2014), reflexo do trabalho que foi realizado anteriormente ao terremoto, mais especificamente em 2004. Nesse período, o Conselho de Segurança da ONU criou a MINUSTAH que conforme o Ministério da Defesa de Relações Internacionais tinha como objetivo “restabelecer a segurança e normalidade institucional” considerando os casos de turbulência em detrimento da política e violência, que propagaram com a partida do então presidente Jean Bertrand Aristide para o exílio. Entretanto, em uma pesquisa realizada por Cotinguiba e Cotinguiba (2014) a educação é considerada um dos principais fatores de emigração dos haitianos, pois significa uma oportunidade de ascensão social e reconhecimento no país de origem e entre seus familiares. Os autores subsidiam essa informação indagando que estudar fora do Haiti acrescenta valor profissional para competir com outras pessoas com a mesma qualificação no mercado, e não é por acaso, que 80% dos haitianos com diploma superior estão fora do país.

Resgatando a perspectiva da entrada dos haitianos no Brasil, é importante destacar que inicialmente quando chegaram ao Acre encontraram algumas dificuldades, pois eram percebidos como ameaças no que diz respeito à empregabilidade e desestabilização do ambiente, além de outras problemáticas de ordem econômica, social e incidência de questionamentos sobre a detenção de doenças transmissíveis (SILVA, 2015). No Haiti, as condições básicas para sobrevivência humana praticamente inexistem, possuindo agravantes como as escolas e hospitais estarem sob comando da rede privada - ou seja, inatingíveis para a

parcela esmagadora do país (OLIVEIRA, 2015). A partir desse contexto, podemos inteirar o desejo intenso dos haitianos por uma mudança no seu modo de vida e busca de melhores condições para seus familiares, como forma de prospecção do seu “povo”. O Brasil é percebido, portanto, como uma grande chance de ascensão. Eisenstadt (1999) reforça esta ideia afirmando que o abandono de seus papéis na sociedade dá lugar a novos papéis e padrões comportamentais, mais adequados à cultura local. Estes papéis são importantes no processo de migração, basicamente como pré-requisitos para a participação nesta nova sociedade em que estão inseridos, resultando em uma transformação na identificação destes imigrantes, ou ainda uma "evolução" desta identificação na nova sociedade, alinhados com os valores e metas comuns, que são compartilhados por todos que nela estão inseridos.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Quanto a abordagem, esta é caracterizada como qualitativa (GROULX, 2008) com método de entrada no campo subsidiado pela indução analítica (CRESSEY, 1953 *apud* DESLAURIERS, 2008). No que diz respeito a coleta de dados foi realizada entrevista não-dirigida (POUPART, 2008) com 4 (quatro) pesquisadores que trabalham e/ou trabalharam com pesquisas referentes aos imigrantes haitianos. Inicialmente foi realizada uma entrevista “piloto” e “lançadas” perguntas como: “*Como você percebe a inserção dos haitianos na região?*”, “*Você poderia me contar um pouco sobre suas pesquisas de campo com os haitianos?*” e “*Como você percebe o cotidiano dos sujeitos haitianos?*”. Essa primeira etapa serviu como base para identificar os principais temas que viriam a emergir do campo, sendo que, nesta etapa entrou-se no campo somente com a pergunta norteadora de pesquisa e uma teoria breve, para que houvesse o mínimo de interferência no campo.

A primeira entrevista (E1) foi realizada com um pesquisador que atua na área de Antropologia, professor de um Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, em Santa Catarina. A partir, desta entrevista, puderam ser delimitadas alguns temas, que foram explorados com mais ênfase nas entrevistas seguintes. As demais entrevistas (E2, E3 e E4), foram realizadas no mesmo local, tendo todas duração superior a 30 minutos. O período de realização das entrevistas foi entre 29 de junho de 2017 a 22 de fevereiro de 2018. A escolha dos sujeitos e local de pesquisa é justificada por esses pesquisadores estarem inseridos numa universidade comunitária que vem realizando desde 2015 investigações voltadas a esse grupo social. O número de entrevistados foi previamente definido pela relevância junto a universidade e pelo projeto de destaque que vem realizando fomentado por um órgão estadual, a qual tem buscado mapear os problemas cotidianos vivenciados pelos haitianos, na região da Foz do Rio Itajaí.

A última etapa do estudo é conferida a prática de análise dos dados que neste estudo foi subsidiado pela Codificação Temática (FLICK, 2004), que é realizada a partir da emersão de temas e categorias provenientes das informações coletadas das entrevistas. Esse tipo de análise é considerado adequado ao tipo de método escolhido para a pesquisa, visto que revela a partir do campo – entrevistas – temas que vão além das conjecturas/hipóteses iniciais que norteiam a pesquisa. A primeira etapa na percepção de Flick (2004) tem como objetivo desenvolver uma categoria embasada que permeie todos os casos. Assim, a etapa seguinte na visão do autor subsidia a análise de casos futuros, objetivando a comparação dos casos. Nessa etapa, resultaram oitenta e quatro observações, que foram agrupadas devido a semelhança de sentido, resultando em cinquenta e quatro observações. Em seguida, elas foram agrupadas pela última vez e nomeadas as categorias finais (está presente no capítulo de resultados). É importante destacar que algumas categorias são provenientes da revisão de literatura, como por exemplo: Mercado de Trabalho; Oportunidade; Preconceito e Discriminação; Gênero Feminino e Vulnerabilidade. Emergiram do campo: Violência e Violação e Visibilidade.

## 4 RESULTADOS E ANÁLISE

### 4.1 Mercado de trabalho, Oportunidade e Violência

Em um primeiro momento, questionamos o E1 sobre os haitianos serem percebidos com mais frequência “nas ruas”, do que as mulheres haitianas. Assim, *E1* relata sua percepção sobre esta ponderação, após ter presenciado algumas situações: “*Eu penso assim... que eu vejo muitas mulheres principalmente aqui no comércio [...] agora trabalhando principalmente nas ruas são os homens que a gente percebe né!? [E1]*”. O seu relato traz algumas possibilidades, dentre elas, a inserção dessas mulheres no mercado informal, em funções de “trabalho braçal”, inteirando a provável relação com mercados e/ou trabalhos informais. *E2* traz novas informações que complementam o discurso do E1, [...] *tem bastante mulheres trabalhando...é que :: os homens trabalham em obras éh :: construções...[...] então os homens aparecem mais nas obras...aparecem no canteiros...aparecem como jardineiros (...) garis...conseguem empregos públicos...as vezes...as mulheres estão dentro das cozinhas [...] menos de cinco por cento tem curso superior éh :: [...] [E2]*. Com base no relato de *E2*, é possível “observar” que os homens parecem “mais visíveis” na “rua” – mais perceptíveis aos brasileiros – por desempenharem funções que permitem maior visibilidade social a “eles”, como por exemplo, o trabalho em construções (obras). Já as mulheres haitianas, desempenham, na maioria dos casos, trabalhos em ambientes fechados, podendo-se exemplificar, o cargo de cozinheira. Mas, isso não quer dizer que não realizem outros tipos de atividades – que não só as domésticas –, porém, acontece de maneira recorrente, mesmo em casos em que possuem Ensino Superior. Nessa perspectiva, Pececca (2011) e Alcantara (2014) destaca que a relação entre o trabalho e o imigrante historicamente e no presente vem sendo associada ao trabalho incessante, baixa remuneração, instabilidade e ausência de direitos trabalhistas, que terminam em queixas ou denúncias. Para a autora essa condição tem se tornado para o imigrante um “pedágio” que precisa ser “pago” para viver em um lugar subalterno e desvalorizado.

No que diz respeito a categoria Oportunidade, os entrevistados relataram percepções convergentes e divergentes sobre diversos aspectos. *E2*, por exemplo, acredita que os haitianos levaram em consideração a atuação do exército no Haiti como uma oportunidade de emigração para o Brasil. Já na percepção do *E3*, vários fatores contribuíram para a vinda dos imigrantes para o país, como relata o entrevistado “*Uma série de fatores a facilidade deles chegarem aqui...o câmbio muito favorável na época...e o que acontece...é o que eu falei pra ti...mais da metade dos haitianos não estão no Haiti...estão espalhados pelo mundo...quando surge uma oportunidade eles vêm [...] [E3]*”. Dentre os fatores relatados por *E3*, podemos destacar a facilidade de acesso ao Brasil, visto que o país não possui uma política de controle a entrada de imigrantes. Outra questão que o entrevistado abrangeu, foi em relação a atuação das tropas brasileiras no Haiti, que para *E3* não influenciou a vinda dos haitianos para o Brasil, relato que difere da percepção apresentada por *E2*. *E3* justifica que não existe uma relação direta ao processo de emigração para o Brasil e a atuação das tropas brasileiras, visto que se comparamos a incidência de haitianos nos anos 1990 e 2000 já existia um número considerável no país. Para *E3* os haitianos emigram quando percebem uma oportunidade, - “*Eles são cidadãos do mundo né?!...eles vão aonde tem oportunidade...e eu acho que nesse ponto...talvez...mas enfim se ele não está se sentindo bem aqui ele vai para outro lugar...é um outro modelo mental...[...]*” - assim, poderiam emigrar para outros países quando suas expectativas não forem supridas. Nesse sentido, Sayad (1998) enfatiza que o trabalho é considerado o principal fator de permanência do imigrante no país, visto que, este garante ao sujeito subsistência. Assim, podemos inteirar que, as emigrações dos haitianos acontecem quando não possuem mais condições de permanecer no país, situação que aconteceu no Haiti, após o terremoto que devastou o país. Nesse contexto, as emigrações haitianas vêm sendo associadas a questões como pobreza e/ou



desemprego (CASIMIR, 2012; ALCANTARA, 2014; MAGALHÃES; BAENINGER, 2014; SILVA, 2015). Assim, Sassen (2006) destaca que é uma minoria de pessoas de países “pobres” que tentam emigrar e, por isso, a emigração não deve ser considerada uma fuga da pobreza em busca de ascensão. Dessa forma, podemos inteirar que os haitianos emigraram por diversos motivos, não se pode definir uma causa única, mas um conjunto de fatores, como por exemplo, o terremoto, as facilidades de entrada no país, a presença do exército brasileiro na missão de pacificação e talvez uma busca por melhores condições de vida.

Durante a entrevista, os pesquisadores relataram diversos tipos de violência vivenciada pelos haitianos no cotidiano. Logo na primeira entrevista, *E1* ainda destaca uma situação de violência física, sofrida por um haitiano na região de Itajaí, como apresentado “[...] e por exemplo na rua Hercílio Luz eles vendem por exemplo bolsas...artigos de vestimenta calçados bolsas nas ruas e de vez enquanto a polícia vai lá...bate...as batidas mesmo (...) é no chão é informal não é permitido mas eles conseguem ficar algumas horas um dia ali mas eles apanham a maioria deles tem formação universitária só que não tem seus documentos porquê...ficaram...foram extraviados tem a questão da língua né/? Da própria ideia do crioulo que é bem complicado...[E1]”. Como relatado anteriormente os haitianos são tratados com desrespeito, sofrem violência física de quem deveria “zelar” pelo seu bem-estar. Embora, estejam desempenhando trabalho informal, e muitas vezes estejam em locais proibidos, outras formas de abordagem deveriam ser realizadas. Uma questão como essa, nos parece desumana, visto que “conhecemos” a situação desses imigrantes, que já passam por dificuldades quanto a documentação, a questão do idioma, como destaca *E1*. Situação essa, que ocorreu apenas por um questionamento, não por algum tipo de enfrentamento ou desacato de autoridade. A busca de oportunidade, começa a ser desconstruída quando percebem a inexistência do “Sul maravilha”, pois as experiências de sofrimento, de violência, de serem percebidos como ameaçadores empregatícios refletem condições desumanas (CASIMIR, 2012; ALCANTRA, 2014).

#### 4.2 Preconceito e Discriminação

É importante ressaltar, inicialmente, que para que os haitianos permaneçam no Brasil, não podem desencadear problemas sociais, como por exemplo, serem presos. Em alguns casos, esse “medo” de terem algum conflito com os brasileiros faz com que sofram preconceito e discriminação, mas não se manifestem se “defendendo” de maneira adequada sobre isso – relato do *E2*. Relata ainda, sua percepção sobre a temática, como destacado “[...] o preconceito racial até que eles são tão assim tímidos... que possivelmente eles passem por esse processo de segregação social e não percebam... eles se fecham... já são fechados... porque eles vêm de outros países... porque já tem uma condição econômica... alguns menor... mais frábil... e também o idioma que é uma grande barreira... [...] [E2]”. Para *E2*, o “preconceito racial” – no caso discriminação, termo correto – não aparece na fala dos haitianos como algo espontâneo, primeiro por eles serem “tímidos” em falar desses assuntos, e segundo por não parecerem perceber essa segregação. Outra questão, é que já existe dificuldades por virem de outro país, estarem em condições econômicas desfavoráveis, terem a barreira do idioma, ou seja, isso acaba deixando esses sujeitos numa situação de fragilidade, podendo causar uma inibição em relação a relatarem o preconceito e discriminação existente.

Entretanto, *E2* presenciou uma situação em que um haitiano por estar num momento de “empolgação”, revela seu sentimento em relação a isso, “*Eles nunca falam sobre isso (...) racismo...eles sofrem um racismo forte...por serem estrangeiros...por serem negros...e por não falarem o idioma éh :: mas foi a única vez que eu ouvi um haitiano falando sobre isso...mas*

*não é porque não existe é porque isso deve dor tanto no interior deles que eles não expressam...[E2]*". Como relato por E2, durante uma palestra de um haitiano acabou falando sobre o racismo que sofria, além do preconceito por ser estrangeiro e por não falar o idioma (português). Outros tipos de preconceito são enfatizados por E3, *"[...]o imigrante haitiano numa localidade como Itajaí...tem muito preconceito eles relatavam...relatos absurdos de professoras que se negavam a tratar bem o filho de haitianos nas escolas...ficar em filas inexplicáveis no atendimento no posto de saúde...porque a prioridade eram os brasileiros [E3]*". Conforme E3, os haitianos vivenciam uma série de dificuldades na região de Itajaí. Além da discriminação racial, do preconceito por não falarem o idioma e por serem estrangeiros, existe também o preconceito na área de educação, no que diz respeito, a inserção e presença dos filhos de haitianos nas escolas e no acesso a saúde, uma vez que a "prioridade" de atendimento é dos brasileiros. Essa situação foi relatada por E3 com indignação, pois comentou que algumas experiências expostas pelos haitianos causavam "repulsa".

Como já mencionado anteriormente – no relato de E2 e E3 – os haitianos sentem preconceito, principalmente, em relação a saúde, quando necessitam de atendimento médico ou de medicamento. Em outras situações do cotidiano, o preconceito e discriminação não aparecem de forma explícita na percepção de E4 – mercado de trabalho, na educação e no lazer não foram relatadas situações de preconceito. No entanto, no dia a dia do E4, foram observadas formas de preconceito informalmente, podendo-se destacar, ambientes como restaurantes, o qual o tratamento de empregadores para com os imigrantes é aparentemente distinto dos demais funcionários. Ao levar em consideração os aspectos envolvidos no preconceito e discriminação, as quais os haitianos estão sujeitos, podemos relacioná-los ao mal-estar da pós modernidade, que reflete a presença dos imigrantes em países estrangeiros. Por serem, de uma cultura diferente, terem dificuldade no idioma local, terem características físicas distintas entre outros aspectos, são considerados "estranhos". E, no caso dos haitianos, eles parecem não se encaixar no "mapa cognitivo" dos brasileiros, nas questões morais ou estéticas do país. Existe uma resistência, e uma busca incessante por eliminar as ambivalências nas sociedades, e isso, não parece algo diferente na inserção desses imigrantes no Brasil (BAUMAN, 1998, p. 27). Essa situação de preconceito e discriminação, fica evidente, logo quando chegaram no Brasil – mais especificamente no Acre – aonde encontraram diversas dificuldades, pois eram percebidos como ameaças, tanto em caráter econômico, como social, eram vistos como "africanos" – isso demonstra a discriminação – e eram acusados de possuírem doenças transmissíveis (SILVA, 2015).

#### 4.3 Violação e Vulnerabilidade

O motivo para o envolvimento do E2 com as questões dos imigrantes haitianos no Brasil, deu-se, em virtude da violação de direitos humanos. *É relatado, que "[...] agora a terceira coisa que foi algo assim... que me doeu o coração... que fez eu me envolver com os haitianos é a violação de direitos humanos... que eles sofrem constantemente... no trabalho e no sistema de saúde...[...]* [E2]". Na concepção de E2, as violações de direitos humanos acontecem de forma constante no ambiente de trabalho e no sistema de saúde. Isso é exemplificado no relato do E2: *"[...] então essas violações de direitos humanos que eu estava dizendo... ocorrem principalmente no trabalho e na saúde...[...]*". E2 relata o caso de uma mulher que foi contratada para trabalhar como cozinheira, porém desempenhava atividades distintas da função. Isso demonstrava a exploração a qual estava imersa, uma vez que as demais funcionárias faziam somente a função para que foram contratadas. E2 auxiliou ela a fazer uma denúncia e seu patrão foi intimado, levando-o a cometer mais um ato de abuso. O patrão redigiu um pedido de demissão e solicitou que a funcionária o assinasse, mas ela pediu que uma brasileira lesse o conteúdo da carta e tendo identificado do que se tratava, fotografou o

documento e enviou ao E2. A funcionária foi orientada a não assinar o documento, ocasionando a perseguição moral por parte do patrão, o que denotou a necessidade de o caso ser encaminhado ao Ministério Público do Trabalho. Outro caso destacado por E2 foi de dois haitianos, sendo que um deles chegou ao óbito e o outro foi queimado, pois a empresa fez com que o haitiano entrasse sem equipamento de segurança dentro de um container. O container explodiu deixando oitenta por cento do corpo do haitiano queimado, restringindo a sua capacidade de movimentação das mãos, pés e de comunicação verbal. Mediante ao incidente a empresa não quis pagar nenhum tipo de seguro ou indenização, por não considerar essas pessoas “seres humanos”.

Relatos de vulnerabilidade a qual os haitianos estão imersos também estiveram presentes no discurso dos entrevistados, seja por falta de conhecimento das leis brasileiras ou do idioma (português). Como destacado, a seguir, por E3: “[...] o haitiano ele tem muito medo em responder questionário...até porque muitos estão na clandestinidade...ou no período entre provisório e legalizado...tem medo por causa do idioma...também nosso arcabouço legal para eles é muito complicado...[...] [E3]”. E3 relata que os haitianos têm medo de responder questionários, principalmente, porque alguns estão de forma “clandestina” no Brasil ou no período entre o provisório e o legalizado. Porém, esse “medo” dos haitianos em responderem pesquisas, pode ser associado ao caso exemplificado, a seguir: “[...] um haitiano num dia que fui acompanhar o grupo ele comentou que respondeu um questionário que para ele não tinha problema nenhum...e daqui a pouco chegou um cartão de crédito na casa dele e ele começou a ter dívidas...uma coisa que ele achava que era um cartão de saúde que ele precisava...dificuldades banais pra quem tem dificuldade da barreira do idioma...[...] [E3]”. Neste trecho, é possível observar que as barreiras como do idioma podem desencadear problemas aos haitianos. Responder um questionário e receber um cartão com dívidas, demonstra que, muitas vezes os indivíduos se aproveitam da vulnerabilidade desses imigrantes. Conforme Magalhães (2017) a pouca familiaridade com o idioma português, faz com que os haitianos se tornem “alvos” de aproveitadores, ou seja, ficam extremamente vulneráveis.

Outro caso relatado pelo E3, sobre uma situação de vulnerabilidade vivenciada pelos haitianos é apresentado, a seguir: “Existem alguns relatos...primeiro é assim o haitiano chega para trabalhar...aí eu digo eu vou te contratar...vou te pagar mil e duzentos né?/...quando ele vai receber o salário é oitocentos e pouco...pelas deduções e aí vai...agora explica isso para um haitiano...então ele se sentia totalmente agredido quanto a isso...essa é a visão do empregador...agora quando a gente começa a olhar a nude...tem empregador que se aproveitava dessa dificuldade e compreensão do arcabouço legal da questão da legislação brasileira...[...] [E3]”. E3 exemplifica que os haitianos não entendem as leis trabalhistas, principalmente, sobre as deduções sobre os salários, e quando recebem um valor menor que o combinado se sentem agredidos. Essas dificuldades de compreensão das leis brasileiras, muitas vezes, acabam dando margem para que empregadores se aproveitem. E3 relata que, os imigrantes são instigados a assinarem contratos que afirmam não existirem direitos trabalhistas ao término do contrato. Essa situação, corrobora com os achados de Magalhães (2017) que encontrou exploração dos haitianos nos setores da agroindústria e construção civil. Dentre as estratégias utilizadas para explorar os imigrantes, podemos destacar: a) desconto do salário pelo alojamento; b) os haitianos trabalhavam em setores que exigia maior esforço físico; e c) colocação dos haitianos em setores que favorecem a obtenção de doenças associadas ao trabalho. Assim, entendemos que os haitianos são prejudicados em diversas esferas, seja ela, trabalhista, na saúde, na educação entre outras, o que mostra a ausência de preparo do Brasil no recebimento de estrangeiros. Existe um interesse dos empregadores em relação a contratação de haitianos, visto que, traz a eles vantagens, como por exemplo, a financeira, pois muitas vezes

não remuneraram esses sujeitos de forma adequada e nem oferecem condições básicas de trabalho.

#### 4.4 Gênero Feminino e Visibilidade

A partir do pressuposto que os homens – haitianos – desempenham um papel mais aparente na sociedade, abordamos a questão dos haitianos exercerem uma relação de opressão – talvez “machismo” – contra as haitianas. E1 relatou no item “Violência” que as mulheres sofrem por causa do tratamento de seus cônjuges, além, das dificuldades que já passam por serem imigrantes e negras. No discurso do E2, é perceptível a questão das relações de gênero. Eis o relato: *“Porque culturalmente a gente não pode abordar uma esposa de um haitiano... a não ser que o marido venha junto (...) [...]”*. A relação com as haitianas tornou-se difícil em razão da cultura, uma vez que abordar uma mulher haitiana só é possível se o esposo estiver junto. Geralmente essas mulheres conversam somente com conhecidos ou seus esposos. Essa situação fica evidente quando E2 relata um caso que aconteceu em uma *lan house*, no qual convidou uma haitiana para participar de um encontro que estava organizando, todavia, E2 se dirigiu a ela chamando-a, e “ela virou as costas e foi embora” imediatamente sem responde-lo. Elas não costumam conversar diretamente com as pessoas, tem o costume de ficarem em casa cuidando dos filhos, com a casa fechada, situação que E2 considera estranha, mas acredita ser um traço da cultura haitiana.

Em seguida, retornamos ao assunto do papel desempenhado pelo homem e pela mulher. Eis a descrição: *“[...] a cultura haitiana ela é extremamente patriarcal...mas do que o Brasil eu não sei dizer...se mais ou menos mas é muito patriarcal e muito machista sem dúvida nenhuma...eu acabei de falar pra você que eu não posso chegar e falar diretamente com uma haitiana sem a permissão do marido...[...]*”. E2 considerou a cultura haitiana “extremamente patriarcal” e muito “machista”. Novamente relatou a questão de as mulheres haitianas não falarem diretamente com estranhos, - a não ser que tenham “permissão” dos seus esposos – não saírem sozinhas – sempre acompanhadas – e que os homens sempre “andam em grupos” e as “mulheres em grupos separados”. Em suma, existe uma relação de segregação com a mulher, que a partir da ótica da cultura brasileira causa estranheza. Num determinado momento da entrevista, E4 comenta sobre sua percepção em relação a mulher e seu cônjuge. Relato, a seguir: *“[...] também dá pra fazer uma reflexão no momento em que ela responde o questionário...as mulheres que deram entrevista só deram porque os maridos estavam lado a lado com elas porquê...consentiram com a entrevistas porque deram a permissão...porque eram também perguntas curtas...então quanto menos elas falavam melhor pra elas...muitas falam do acesso aos serviços básicos de saúde...[E4]”*.

Durante a aplicação de um questionário para a pesquisa, que estava realizando junto a universidade, E4 diz observar que diversas mulheres que forneceram entrevista, somente à realizaram por terem sido consentidas por seus cônjuges. Porém, questiono E4 se essa atitude despertava nas mulheres algum tipo de constrangimento. Trecho: *“Não ouvi o relato delas...mas eu arriscaria dizer que isso não é um problema...eu acho que elas percebem que na cultura a qual reforçam esses papéis...é que a presença do homem...aquele que me dá permissão pode servir como uma questão de orgulho...[...]*”. Conforme a percepção de E4, ele supõe que as mulheres não percebem isso como uma situação de opressão, por ser um papel que já é desempenhado pelos homens na cultura do país de origem. As relações de gênero ficam evidentes até na contratação de haitianos para trabalhar, Silva (2015) enfatiza que quando as empresas catarinenses foram recrutar os haitianos no Acre, geralmente contratavam os homens. As mulheres acabavam ficando de “lado”, visto que estavam com crianças e as dificuldades eram maiores, priorizando os homens solteiros. A partir das discussões realizadas até o momento, é possível identificar que as mulheres sofrem por serem oprimidas pelos cônjuges, mas também pelos brasileiros. Em relação aos cônjuges essa opressão parece algo comum na

cultura Haiti, visto que durante os relatos dos entrevistados não houve nenhum tipo de observação sobre algum mal-estar apresentado por elas.

Em relação a visibilidade, os entrevistados apresentaram alguns relatos sobre as problemáticas encontradas na região pesquisada, e as ações que vem realizando para minimizá-las. Também, as formas com que eles – pesquisadores – vem promovendo a visibilidade desses imigrantes. E2 relata uma situação inaceitável na região, que está relacionada a atuação dos coiotes e ao desaparecimento de alguns haitianos. Relato, a seguir: “[...] *bem... e eles somem de repente então a gente foi atrás conversar porque eles são extremamente resistentes prá/ falar... Mas a partir da irmã Enedir... a gente começou a conhecer mais o coletivo... [E2]*”. E2 buscando entender o motivo do desaparecimento dos haitianos, foi procurar alguém que pudesse ajudá-lo, haja vista que existe uma certa resistência deles para conversarem sobre seus problemas. E, foi a partir de uma freira que mantinha uma relação de confiança com eles, – foi transferida – que foi possível conhecer “o coletivo”. Descobriram a existência de uma agência de coiotes que estava levando haitianos para os Estados Unidos – motivo do desaparecimento repentino – por meio da selva amazônica. Afirmou ter um vídeo de crianças de quatro anos atravessando a selva, sendo mordidas por cobras e ficando no local. Além disso, o local onde os haitianos encontram esses coiotes fica em um lugar aparente, inclusive possui uma placa inteirando o atendimento exclusivo a haitianos. Situação que parece invisível aos olhos da sociedade e principalmente das autoridades. Em detrimento dessa problemática, questionamos o que foi feito em relação a isso. Eis o relato: “*O nosso trabalho de direitos humanos levou isso para OAB... mas a OAB tem tantos flancos... tantas coisas para fazer... que a gente não vê realmente uma ação...então eu levei isso para a câmara de vereadores... [E2]*”.

Conforme o trecho da entrevista, E2 relata ter encaminhado a problemática a OAB, entretanto, a resolução de outras problemáticas impediu resolver esse assunto. Então, se reportaram a câmara dos vereadores para tentar solucionar o problema, o que acabou não prosseguindo, em virtude do E2 está envolvido com a dissertação de mestrado e por ter tido outros problemas no decorrer do processo. Dentre as descobertas consideradas “gritantes”, destacou a captação de haitianos por coiotes – Itajaí – que os levavam para os Estados Unidos ou Canadá, tendo objetivo principal de chegar ao Canadá, principalmente por causa da língua. Isso acontece devido a situação de instabilidade no Brasil, que faz com que aconteça a travessia por meio da Amazônia ou Roraima, “subindo” pela Guiana e “indo pela via do Panamá tudo pela selva”.

Essa situação, foi vivenciada apenas pelo E2. Mas, no discurso da E4 fica evidente outras questões sobre a visibilidade, mas especificamente sobre o gênero feminino, que é uma categoria de análise pouco evidente nas pesquisas. Assim, E4 destaca: “[...] *então o que a gente pode colocar é que as perguntas das questões de gênero servem mais pra dar essa visibilidade...primeiro para enxergar a mulher como esse papel social ativo...então elas não tinham uma categoria de um ator social... [E4]*”. Como ressaltado por E4, tanto os papéis desempenhados pelo homem e pela mulher, quanto para os “agentes” que o recebem, passam por uma ressignificação. Dar “voz” as mulheres tornam elas visíveis, pois quando passam pelo processo de emigração, passam pela aceitação social e adaptação de uma nova cultura, o que acaba confirmando os papéis de gênero. Quando se faz a “mochila” para entrar num novo país, os papéis parecem ser abandonados, porém, esses processos simbólicos podem ser “reafirmados” ou relativiza-los. Nesse sentido, Eisenstadt (1953) e Demko, Rose e Schnell (1970) entendem que a adaptação a novos lugares acontece a partir de aspectos considerados importantes como a integração institucional; processo de desconstrução de sua cultura; ajustes pessoais e de integração. A entrada em um novo campo social traz uma série de mudanças, tanto para o imigrante quanto para quem os recebe, existe um processo de adaptação mútua.

Ao identificar atitudes de auxílio aos haitianos, questionamos E2 sobre a sua percepção em relação aos trabalhos realizados na academia com esses imigrantes. Eis o discurso: *“Essa é uma grande reclamação que eles fizeram... houve uma pesquisa em dois mil e quatorze... dois mil e quinze... que resultou numa cartilha sobre os haitianos na região da Amfri... só que essa cartilha nunca retornou para eles... então a academia faz as pesquisas só para poder preencher lattes e preencher os arquivos do CNPQ [...] [E2]”*. E2 retrata que as pesquisas científicas são uma das grandes reclamações dos haitianos, pois o que é feito não retorna a eles. É exemplificado o caso de uma cartilha sobre a imigração haitiana, que foi feita na região da Amfri e “nunca retornou para eles”. Não tinham conhecimento do que era e nem de seu conteúdo, o que para E2 demonstra que as pesquisas realizadas pela acadêmica servem apenas “para preencher lattes e preencher os arquivos do CNPQ”. O relato apresenta ainda, críticas com relação a esses trabalhos não terem devolução para a sociedade. Comparou a sociedade a um laboratório, o qual os pesquisadores fazem as pesquisas e depois o deixam. Esse relato traz uma reflexão de até que pontos os trabalhos que nós pesquisadores desenvolvemos contribuem para a evolução dos problemas sociais. Após o relato do E2, é possível perceber que os resultados das pesquisas que vinham sendo realizadas não estavam contribuindo com a visibilidade dos haitianos. Na percepção de E4, por já terem se passado alguns anos da emigração dos haitianos pós-terremoto – 2010 – acredita que já existe uma “absorção” maior quanto a presença dos haitianos, e um tratamento melhor com relação a aspectos jurídicos. Entende que, o Brasil já possui uma estrutura que possa melhor atendê-los, tanto que eles são “mais notados” no cotidiano, como trabalhadores e estudantes. Considera, que aos poucos esses imigrantes foram se tornando algo cada vez mais do “nosso convívio”, o que torna o desencadeamento de políticas públicas favorável.

Além disso, E4 diz que cada vez mais devem ser pensadas ações que integram os imigrantes, que eles a qualificação profissional que precisam que tenham domínio do idioma, que sejam denunciadas qualquer forma de exploração. Considera um cenário otimista o que a universidade vem fazendo pelos haitianos, mas acredita que outros tipos de atividades possam ser efetivados, como estabelecer no curso de Relações Internacionais atividades rotineiras em relação a integração deles, para que não fique somente uma “integração discursiva”, mas uma “integração jurídica”. Ainda, precisam ser regularizadas algumas questões para que tenham integração social e política, como por exemplo, regularização dos estudos para que possam oferecer mão de obra de qualidade. Os resultados obtidos nas pesquisas de E1, E2, E3 e E4 foram apresentados numa edição de um e-book em publicado em 2018.

Conforme destacam Castles, Hass e Miller (2013) uma das seis tendências das migrações, é cada vez mais os países serem afetados por movimentos migratórios, e o que não se pode negar, é que as migrações podem vir das mais diversas nacionalidades, implicando diversidades culturais, econômicas e sociais. Dessa forma, é importante que sejam traçadas estratégias que visibilizem cada vez mais esses imigrantes, já que as migrações serão mais frequentes, por várias questões, como por exemplo a globalização e as redes migratórias.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação aos motivos que levaram os imigrantes haitianos a emigrarem do Haiti para o Brasil não existe entre os pesquisadores entrevistados uma visão linear, nos levando a considerar um conjunto de motivações/aspectos que possam retratar essa realidade. Assim, consideramos como precursores desse fluxo migratório, (1) o terremoto que devastou o Haiti em 2010, por ter deixado o país em condições quase irreparáveis; (2) as facilidades de acesso à fronteira brasileira; (3) a presença do exército brasileiro que esteve durante um longo período no Haiti em uma missão de pacificação; e (4) a busca por oportunidade.

No que diz respeito às melhores condições de vida, consideramos como ponto principal a entrada no mercado de trabalho. Isso demonstra ser o fator predominante da permanência no

país estrangeiro ou para uma nova emigração em casos em que o imigrante não percebe no país mais oportunidade. No entanto, existe uma certa dificuldade de inserção desses sujeitos na economia e na sociedade que relutam para “assegurar” seu território que estaria sendo “invadido” por estrangeiros que desejam “roubar” as vagas de emprego e modificar comportamentos. Uma visão um pouco extremista, não? Mas, são esses os pensamentos de alguns brasileiros que se assemelham a discussão sobre exclusão da ambivalência social. A crise brasileira tem despertado ainda mais sentimentos de extremismo, posto que, em um país que não consegue empregar a sua própria população, como aceitar imigrantes? Deveriam ser aceitos? Seria uma questão de aceitação ou de olhar o outro como alguém que não teve escolha? Por que não podemos vê-los como capazes de estimular o crescimento do país, de “caminhar” junto com os brasileiros em prol ao desenvolvimento econômico?

Todo esse processo desencadeou em uma incidência de trabalhadores informais, tanto do gênero feminino, quanto do gênero masculino. As mulheres passaram a ser percebidas como “protagonistas” das emigrações, uma vez que deixaram de ser percebidas como “coadjuvantes”. Os homens eram considerados aqueles que emigravam para trazer sustento e novas oportunidades à família, mas, isso vem se modificando, sendo que as mulheres passaram a emigrar mais e não apenas como acompanhantes, mas, muitas vezes, sozinhas, solteiras e apenas com seus filhos. É possível observarmos que os novos fluxos migratórios vêm modificando as estruturas sociais convencionais e as relações de gênero parecem cada vez mais evidentes.

Outro objetivo era identificar, no discurso dos pesquisadores, como as pesquisas realizados por eles contribuíram para a visibilidade desse grupo social. Observamos nos relatos que esses pesquisadores passaram a desenvolver ações em prol dos haitianos, bem como seminários que davam “voz” a esses sujeitos, cartilha, amparo do curso de Relações Internacionais para emitir documentação e um *ebook* destinado somente à discussão da situação dos haitianos na região. Eles também ofereceram cursos junto à universidade para que pudessem ter qualificação profissional, criaram relações com redes de apoio pastorais, igrejas e alunos da universidade, com o objetivo de viabilizar cada vez mais esses sujeitos, os inserindo na sociedade e mostrando como podem contribuir para o desenvolvimento do país. Isso demonstra que os resultados das pesquisas não serviram apenas para publicação e fins acadêmicos, mas também para a busca de ações efetivas do pesquisador.

Com relação às sugestões de pesquisas futuras, apontamos como sugestão a realização de pesquisas com outros pesquisadores acadêmicos em universidades públicas, em Santa Catarina e em outros estados, podendo ser realizado um comparativo entre regiões. Entender culturalmente como as relações de gênero são percebidas pelas mulheres e se realmente elas se sentem oprimidas ou é somente uma percepção dos pesquisadores entrevistados é nosso último direcionamento para ser investigado em pesquisas futuras.

## Referências

ACNUR. **Dados sobre refúgio no Brasil**. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

ALCANTARA, P. I. de M. **Novas fronteiras: um olhar sobre a imigração haitiana para o Brasil**. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados Sobre as Américas, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BLAY, E. A. Imigração ou os paradoxos da alteridade. **Revista de Antropologia**, v. 43, n. 1, p. 253-256, 2000.

- CASIMIR, J. Haiti e suas elites – o interminável diálogo de surdos. **Revista Universitas Relações Internacionais**, v. 10, n. 2, p. 1-22, 2012.
- CASTELLS, M. **A sociedade em Rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTLES, S. Entendendo a migração global. Uma perspectiva desde a transformação social. **REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 18, n. 35, p. 11-43, 2010.
- CASTLES, S. Estudar as transformações sociais. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 40, p. 123-148, 2002.
- CASTLES, S.; DE HAAS, H; MILLER, M.J. **The age of migration: International population movements in the modern world**. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- COGO, D. Haitianos no Brasil: comunicação e interação em redes migratórias transnacionais. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 125, p. 23-32, 2014.
- COTINGUIBA, M. L. P.; CONTINGUIBA, G. C. Imigração Haitiana para o Brasil: os desafios no caminho da educação. **Revista Pedagógica**, v. 17, n. 33, 2014.
- DEMKO, G. J.; ROSE, H. M.; SCHNELL, G. A. (Ed.). **Population geography: a reader**. New York: McGraw-Hill Companies, 1970.
- DESLAURIERS, J. A indução analítica. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- EISENSTADT, S. N. Analysis of patterns of immigration and absorption of immigrants. **Population studies**, v. 7, n. 2, p. 167-180, 1953.
- FLICK, U. **Uma introdução a pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- GODOY, Gabriel G. de. O caso dos haitianos no Brasil e a via da proteção humanitária. In RAMOS, André de Carvalho; RODRIGUES, Gilberto; ALMEIDA, Guilherme Assis de (orgs.). **60 anos de ACNUR: perspectivas de futuro**. São Paulo: CLA Cultural, 2011.
- GROULX, Lionel-Henri. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: POUPART, J. **A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- GUTMANN, M. C. Dystopian travels in Gringolandia: Engendering ethnicity among Mexican migrants to the United States. **Ethnicities**, v. 4, n. 4, p. 477-500, 2004.
- LEE, Everett S. A theory of migration'in JA Jackson. **Migration**, p. 282-97, 1969.
- MAGALHÃES, L. F. A. **Imigração haitiana no estado de Santa Catarina: fases do fluxo, contradições laborais, e dependência de remessas no Haiti**. 355f. Tese (Doutorado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade estadual de Campinas, Campinas, 2017.
- MARIZ, M. E. A.; BÓGUS, L. M. M. Empreendedorismo Feminino: Imigrantes portuguesas em São Paulo. **Brasiliana - Journal for Brazilian Studies**, v. 2, n. 2, p. 477-505, 2013.
- MASSEY, D. S.; ARANGO, J.; HUGO, G.; KOUAOUCCI, A.; PELLEGRINO, A.; TAYLOR, J. E. Theories of international migration: A review and appraisal. **Population and development review**, v. 19, n. 3, p. 431-466, 1993.
- MORAES, I. A. de; ANDRADE, C. A. A. de; MATTOS, B. R. B. A Imigração Haitiana para o Brasil: Causas e Desafios. **Revista Conjuntura Austral**, v. 4, n. 20, p. 95-114, 2013.
- O GLOBO. **Acre sofre com invasão de imigrantes do Haiti**. (2012). Disponível em:< <http://oglobo.globo.com/brasil/acre-sofre-com-invasao-de-imigrantes-do-haiti-3549381>>.  
Acesso em: 22 abr. 2017.
- OLIVEIRA, A. T. R. de. Os invasores: as ameaças que representam as migrações subsaariana na Espanha e haitiana no Brasil. **REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 23, n. 44, p. 135-155, 2015.
- OLIVEIRA, J. F. Empreendedorismo Sem Fronteira: desafios e conquistas dos imigrantes chineses no Brasil. In: XXXI Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação



em Administração – EnANPAD, Rio de Janeiro – RJ, 31, **Anais...** Rio de Janeiro: EnANPAD, 2007.

PACECCA, M. I. Trabajo, explotación laboral, trata de personas. Categorías en cuestión en las trayectorias migratorias. **REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 19, n. 37, p. 147-174, 2011.

PORTAL BRASIL. **Prorrogada concessão de visto especial a haitianos**. (2013). Disponível em:< <http://www.brasil.gov.br/governo/2013/10/prorrogada-concessao-de-visto-especial-a-haitianos>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

RAVENSTEIN, E. G. The laws of migration. **Journal of the Statistical Society of London**, v. 48, n. 2, p. 167-235, 1885.

ROY, X. Refuge from Time: How the One-Year Filing Deadline Unfairly Frustrates Valid Asylum Claims. **North Carolina Law Review**, v. 95, n. 2, p. 523-552, 2017.

SASAKI, E. M.; ASSIS, G. de O. Teoria das migrações internacionais. XXII Encontro Nacional da ABEP, Caxambu – MG, 22, **Anais...** Caxambu: ABEP, 2000.

SASSEN, S. La formación de las migraciones internacionales: implicaciones políticas. **Revista Internacional de Filosofía Política**, n. 27, p. 19-39, 2006.

SASSEN, S. The global city: strategic site/new frontier. **American studies**, v. 41, n. 2/3, p. 79-95, 2000.

SAYAD, A. **Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SENADO. **Depois do terremoto no Haiti imigrantes haitianos buscam refúgio no Brasil e recebem vistos**. (2012). Disponível em:< <http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/defesa-nacional/sociedade-armadas-debate-militares-defesa-nacional-seguranca/depois-do-terremoto-no-haiti-imigrantes-haitianos-buscam-refugio-no-brasil-e-recebem-vistos.aspx>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

SILVA, C. A.; Yen-Tsang C. Tem Comida Chinesa no Prato dos Brasileiros: Como Empreendem os Imigrantes Chineses no Brasil. XXXIX Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Administração – EnANPAD, Belo Horizonte – BH, 39, **Anais...** Rio de Janeiro: EnANPAD, 2015.

SILVA, S. A. D. Fronteira amazônica: passagem obrigatória para haitianos?. **REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 23, n. 44, p. 119-134, 2015.

SOBRINHO, L. L. P.; SIRIANNI, G.; PIFFER, C. Migrações Transnacionais e Multiculturalismo: um desafio para a União Europeia. **Novos Estudos Jurídicos**, v. 19, n. 4, p. 1159-1184, 2014.

YAMAMOTO, G. C. *et al.* **Imigração como prática social: estratégias e táticas de organização dos imigrantes haitianos na região metropolitana de Goiânia, Goiás**. 102 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Goiás, 2017.